

A Escola de Escultura

Perguntamos ao Sr. Zamoysky: — qual o seu programa de ensino?

Ofício e probidade artística — nos respondeu. Arte não se ensina — Mas quem deseja se exprimir livremente necessita de um instrumento seguro e dominado.

Desejo por à disposição de meus alunos todos os conhecimentos que adquiri durante longos anos de prática no ofício. Procurarei ensinar-lhes todo o necessário para que possuam as técnicas que lhes serão indispensáveis na sua vida de escultores. Aprenderão a retirar os seus blocos da pedreira, a cortá-los e manejá-los. Aprenderão a forjar e temperar os seus próprios instrumentos. Aprenderão a desbastar os seus blocos, treinarão o “talhe direto” e saberão também fazer o “talhe refletido” (com a ajuda de cálculos e medições). Poderão polir as suas pedras e manobrar as suas estatuas, mesmo pesadas. Aprenderão a fazer formas em gesso, e moldes à cera perdida, para depois fundirem os seus próprios bronzes. Saberão ciselá-los e patina-los. A estatua sendo essencialmente a expressão de nossa emoção diante do humano, os alunos terão — além de várias horas diárias de modelagem e desenho com modelo vivo — cursos sobre vários assuntos que interessam ao homem: filosofia, história de arte etc...

Qual a sua orientação artística?

Não pretendo propriamente “orientar” os meus alunos a se exprimirem desta ou daquela

maneira — mas procurarei animá-los no sentido de um contato verdadeiro e “sentido” com a vida, através do seu trabalho. Procurarei dar-lhes coragem para ver a natureza de uma maneira pessoal, *autêntica*, livre de qualquer preconceito. Procurarei ensinar-lhes a se defenderem da tentação de — quando se sentirem incapazes de ter uma emoção original e sincera — precipitarem-se dentro de alguma fórmula a sucesso no momento, para obterem rápidos aplausos. Na subjectividade do olhar e da emoção *autêntica* há bastante margem para a originalidade. O programa da nova geração deverá ser uma insurreição contra todos estes “ismos” (academismos já arcaicos, há quase meio século!) e um corajoso esforço para novas descobertas, conscientes de que arte não é divertimento, mas sim um ministério dos mais graves, pois nos põe em contato com o mistério da existência — mistério que mesmo se nos fôsse revelado, nós não o poderíamos compreender. Se a arte quer possuir valores eternos tem que buscar a sua emoção no Eterno — tem de procurar a sua inspiração no Divino para dar-nos a alegria da presença deste Absoluto e, elevando-nos, tirar-nos de nossa aparente solidão. Neste “quantum” imponderável e, às vezes quase imperceptível, reside todo o valor transcendente da arte. E’ para poder transmitir estes valores imponderáveis que precisamos de uma dominação completa do ofício. E é só isto que pretendo ensinar — concluiu o Sr. Zamoysky.



Escola de escultura de Zamoysky no Rio de Janeiro



Escola de escultura ao ar livre



Escola ao ar livre